

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

## **VIVÊNCIAS: UMA VIDA MARCADA POR ARTE NEGRA AFRO – BRASILEIRA<sup>1</sup>**

**Tais Catiulsea Silva Da Rosa , Noeli Valentina Weschnfelder<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Trabalho elaborado a partir da Disciplina de Cultura, Protagonismo Social e Currículo, do PPGEC- Mestrado em Educação nas Ciências-Unijui.

<sup>2</sup> Licenciada em Dança pela UNICRUZ, aluna do Curso de Mestrado em Educação Ciências UNIJUI.  
E-mail: taikatiulsea@gmail.com

Professora Doutora em Educação, professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências/Unijui. E- mail: noeli@unijui.edu.br

Partindo da minha história de vida, justificamos a importância desta apresentação. Através da dança afro-brasileira, houve a oportunidade de que conhecêssemos muitos espaços ligados à cultura, arte e educação. A minha trajetória teve início no ano de 1985, a partir da iniciativa da Prof<sup>a</sup> Maria da Graça Silveira dos Santos, licenciada em Letras pela UNICRUZ. Esta mulher que, com garra, coragem e determinação tinha como principal objetivo, reunir um grupo de crianças, adolescentes e adultos para dançar a cultura negra, mas que, acima de tudo, houvesse o comprometimento com a historicidade de um povo que emprestou sua bandeira e deu sangue e suor a esta nação.

Assim começo minha vida de danças e os primeiros encontros aconteceram, mesmo que imaturos, em seu lar, quando lá nos contava histórias sobre os negros no Brasil e em seguida nos levava a dançar ritmos tribais e com músicas de cantores brasileiros, a executar gestuais de escravidão, dos orixás, da cultura popular brasileira. Transcorrido um ano, passamos a integrar à Sociedade Cultural Recreativa José do Patrocínio, em Júlio de Castilhos. Nesta linhagem (Oliveira 2011, p. 244) vai nos contar que antes da abolição, as lutas de resistência, os quilombos, as associações de escravos e ex-escravos para compra de alforrias, as comunidades religiosas e culturais já se constituíam em instituições autônomas e organizações contra a escravidão e a dominação de uma elite branca. Com a transformação da condição de escravo para cidadão, negros e negras iniciam uma nova fase de lutas e organização. No Brasil, as formas de luta foram muito complexas e diversificadas como o Movimento Negro chamados então de Quilombo Moderno.

Este era um clube, aliás, um dos maiores Clubes de Negros do Rio Grande do Sul, instituição de grande valia para cultura, pois faria parte de uma conquista para a comunidade afrodescendentes. Fundada em 1913, por cidadãos negros com muita luta e poder teria extremo significado para a comunidade, com um sentido quase de quilombo moderno. Atualmente, se mantém com seus 103 anos, e sempre coordenada por negros e torna-se, cada vez mais, uma sociedade de referência nacional dos Clubes de Negros que ainda resistem no nosso país.

De tal modo, o trabalho foi sendo ampliado, e no ano de 1986 recebe o nome de Grupo de Danças Afro Castilhense, ganhando uma amplitude para contemplarmos a contribuição negra para o nosso estado. Na mesma época, também foi fundado o Grupo de Dança Gaúcho Minuano, formando a parte artística e cultural desta sociedade que congregava os homens de cor. Foram proporcionadas várias oficinas e cursos junto à comunidade negra da região para conhecimento das danças negras e outros elementos da cultura. E, assim, meu corpo, paulatinamente, vai se tornando minha única

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

ferramenta para que trabalhássemos nossa cultura. Ao valorizarmos a dança como forma de resistência, ampliava-se a certeza pela busca de nossos objetivos. (Garaudy,1980 p. 17) traz a perspectiva de que a corporeidade revela que a dança não apenas expressão e celebração da continuidade orgânica entre o homem e a natureza. É também realização da comunidade viva dos homens. Ele nos revela que o sagrado é também carnal e que o corpo pode ensinar o um espírito que se quer desencarnado não conhece.

Neste mesmo ano, aos 26 de agosto (1986), abre-se um novo espaço para a arte em nossa cidade, a Casa de Cultura Francisco Salles, com aulas de Ballet, Jazz, Dança de Salão, Teatro, entre outros cursos. Nesse período, buscava força na fé, pela minha perda materna, mas felizmente, existia ao meu lado uma avó carinhosa e tios comprometidos com a minha formação, proporcionando-me acesso à educação, à cultura e à arte. A partir deste momento, a dança torna-se minha fiel companheira, vindo a me proporcionar muitas realizações, suprimindo uma lacuna insubstituível na minha vida e plantando raízes sólidas.

E aqui me refiro ao corpo como um espaço da arte negra e suas manifestações (Hernandez 2005, p. 27/28) nos ensina que a tradição oral vale-se do desenvolvimento da metodologia da coleta, transmissão e interpretação das informações obtidas, constituindo-se uma fonte de reconhecida relevância para a reconstrução histórica de civilizações predominantemente com sua oralidade .

Desta forma foi se construindo paulatinamente o conhecimento e apreciação pelas artes, mas, em especial, pela dança e pela cultura africana, passando também por vários estilos de dança, pelo som do piano, da flauta doce, da viola, da gaita, das danças tradicionais do nosso Rio Grande do Sul. Nesta perspectiva, consolida-se, gradativamente, a identidade negra, bem como o gosto e o prazer pelos sons dos pandeiros, bandolins, e voz que penetra em nosso ser e revela nossa ancestralidade sob a magia do rufar dos atabaques.

Esta trajetória passa por muitos espaços ligados à arte, mas sempre de forma a buscar o conhecimento acerca das manifestações culturais africanas e afro-brasileiras. Enfim, o caminho percorrido passa por lugares que instigam aprofundamento de conhecimentos e propósitos, mas, bem mais do que isso era a necessidade de olhar, ouvir e sentir. A consciência negra, não nasce com os sujeitos, mas envolve a comunidade negra, com um renovado orgulho de si própria e de seus esforços, assim a sua cultura, seus valores, sua religião, sua perspectiva de vida, vão se manifestando em realizações e tomando força. Do envolvimento nessas realizações decorre a consciência de si, de cada um e de seu papel tanto na sua comunidade como na sociedade que o exclui. A consciência de si não relacionada e integrada a um programa emancipador de toda a comunidade, a qual todos e cada um concebem e executam, de pouco vale. (Biko, 1995, p. 540 – 541) . E assim fui vivendo e ao longo de dezenove anos, peregrinei aprimorando conhecimentos em clubes, entidades sociais, grupos de danças, associações, projetos sociais, escolas de samba, movimentos negros, igrejas, casas de matrizes africanas, escolas de ensino formal e informal, enfim, por espaços de cultura e arte, tudo de forma a aproximar a teoria, da vivência em âmbito de discussão às diversidades dos diferentes componentes curriculares.

Nesta perspectiva, o Ministério da Educação em 2010 passa a enfatizar: A corporeidade é o viver cotidiano de cada pessoa, individual e coletivo. É modulado de diferentes maneiras, segundo espaço psíquico ou espiritual somático. Na corporeidade se expressa também a sexualidade, reinterpretada e reproduzida graças à celebração do corpo, como lugar de representação cultural e histórica, como

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

geradora de percepções e concepções de valores. Está relacionado à existência, ao trabalho, ao lazer e ao tempo que dedicamos a cada uma de nossas funções (p. 217).

Neste processo de valorização à dança afro-brasileira, sigo minha trajetória buscando a afirmação da identidade corporal que o povo negro possui em sua história, mas que ainda não é reconhecida vou estabelecendo uma sintonia do sagrado com a arte relacionada ao seu corpo e a ele em si, cultuando, com isso, o seu maior manifesto de fé, devoção e respeito à natureza. De “cor preta” ou “negro” como terminologia pejorativa, o movimento, ainda de forma incipiente, consegue resignificar a categoria “negro” como símbolo de uma condição étnica e racial. Até a noção de “raça” e resignificada, não se tratando mais de uma noção biológica, mas política, ou seja, “raça negra” como um conjunto de indivíduos que possuem histórias e culturas comuns, no passado e no presente. Toda esta construção conceitual, ou seja, “consciência negra”, “negro” e “raça” como expressão de uma “política identitária” (Hall, 1997) pode ser caracterizada na perspectiva de um pensamento crítico de fronteira, (Walsh, 2005) que significa tornar visíveis outras lógicas e formas de pensar, diferentes da lógica eurocêntrica e dominante. Pois, estas reconceitualizações, partem da perspectiva das experiências subalternizadas pela colonização europeia.

Assim nasce meu desejo de aprofundar estudos nessa área, o desejo de investigação da riqueza imaterial, das descendências e influências da africanidade ancestral. Por isso, acho importante dizer de que lugar escrevo e torna-se importante salientar que levamos em consideração a História do Brasil, mas contada de outro lugar, de um outro modo. Uma história de todas as diversidades e de muitas contribuições que os africanos tiveram, emprestando aquela peculiar cultura trazidos de suas nações, embaladas pelo mar, trancadas em um navio negreiro.

Os negros foram trazidos a força e apesar de terem sido largados à própria sorte, de terem de ser obrigados a constituir novos hábitos, e serem tratados, não como seres humanos, mas sim como peças valiosas, os africanos sobreviveram a tudo isso. Posteriormente, passariam por uma vistoria para assim serem vendidos como seres desalmados. Mas, mesmo com estas turbulências, esta “negrada” tomou consciência de sua real importância e usou de sua mão-de-obra escrava qualificada para os vários ciclos econômicos do nosso país, tornando-o grande baluarte da africanidade da cultura negra.

Partindo de uma consequência histórica, cultural, pode-se se dizer que a política de inclusão da população negra no cenário brasileiro vem se destacando. Em meio a tanta resistência, a comunidade escolar passa a ser ciente de que nos novos parâmetros da educação existe a implementação da Lei 10.639/04, a qual traz uma proposta de estudo de África e afrodescendente. Mas todos nós sabemos que a implementação da lei leva um tempo muito grande até sua completa execução. Não custa realçar que a lei 10.639/04, é tida por alguns como uma espécie de “alforria curricular” (Araújo/Cardoso, 2003), resulta, em grande medida, da histórica ação política de movimentos sociais organizados, sobretudo da República, com especial destaque para o protagonismo do movimento Negro.

A referida lei mesma faz reverências à inserção das artes negras na escola através dança afro como um dos mecanismos para a aprendizagem desta temática. E vai além, ao mostrar tal preocupação, não só como desenvolvimento expressivo, mas também, com a corporeidade da experiência sinestésica, o que permite observar e analisar as ações humanas lado-a-lado com a compreensão do corpo como promessa de saúde. Enfim, como um corpo sentido e vivido. A demanda social existe há muito tempo, a urgência é inevitável. Esta proposta considera que do ponto de vista social, os

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

movimentos que há um tanto lutam por esta valorização ou inserção de resignificação de uma historicidade velada e incinerado dos livros didáticos. O grande desafio proposto para o espaço escolar é estabelecer conexões entre o que se aprende na escola e o que de fato se vivencia nas entrelinhas da vida cotidiana da população brasileira

Dentro da vivência da dança afro, surgiram interrogações que me levaram à pesquisas de ritmos e ritos oriundos da “Mãe África”, momento em que foram investigadas as danças afro-brasileiras através de uma analogia com a influência da cultura africana no Brasil. Assim sendo, passamos em nossa história por diversos ciclos, observando os ritos e ritmos que nos acompanham através de nossa memória histórica. O fato é que, desde a infância, tenho presente esta cultura afro-brasileira, mas sempre de forma a questionar as descendências de cada povo, como sons, linguagem, figurinos, rostos, corpos, movimentações e danças. Na verdade, somente ao efetivarmos uma pesquisa é que saberemos acerca das influências que recebemos dos africanos, no que se refere às manifestações culturais do nosso país.

Com tal aprofundamento, soube-se que a África não é somente um vasto continente, mas também que são possuidores de várias culturas, como as mais de 34 línguas chamadas de idiomas ou dialetos, evidenciando-se igualmente a existência de uma economia vulnerável. Aliás, um fator gerador de questionamento, quando da abordagem do tráfico de negros e o confronto de manifestações culturais no nosso país, para o qual vieram reis e rainhas, tribos inteiras que foram comercializadas como peças e que tiveram de romper com suas tradições e velar por seus saberes, mas que ao chegar a terras brasileiras, lutaram para manter sua cultura, mesmo que adaptada aos costumes tradicionais do imperialismo da época.

Com base em tal pressuposto, fica claro que a dança afro é considerada a mais antiga manifestação do ser humano. E foi como forma de exaltar tamanha riqueza cultural, que a linha deste projeto de vida incessante foi traçada, o que tornou este trabalho de pesquisa pela vivência corporal. Na escola, primeiramente, foram usados textos e vídeos, os quais mostraram a essência da arte da dança e a sua importância, oportunidade em que ficaram evidenciados os valores da cultura afro-brasileira, tudo embasado na Lei 10.639, a qual nos permite estudar causas e consequências históricas desta cultura de África-Brasil. O trabalho das manifestações através da prática da dança foi de muita valia, pois, sabemos que a teoria tem sua importância, mas que a prática, esta sim, ajuda-nos a levar a um significado mais concreto e digno de real apreciação.

Constata-se, então, que a aula de dança, na escola, auxilia na percepção dos movimentos populares, e, principalmente, quando leva em consideração que o importante, sempre, é levar a consciência corporal até os alunos, porque, o que mais importa, além de conhecer o espírito, é saber que o corpo existe, que está “aqui consigo” e que dependemos dele para viver.

Pode-se dizer que o ato de dançar vai depender, predominantemente, do conhecimento do que se quer propor dentro do âmbito escolar, do seu objetivo proposto e, desta forma, deixando de ser somente uma reunião de técnicas para se tornar uma união de vivências e formação de estudos como conhecimento.

“Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador.”  
“(Provérbio Africano)

Palavras – Chave

Cultura Africana, corpo, ancestralidade, arte, lugar, espaço

**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa